

CAPÍTULO XII – UM SACRIFÍCIO VIVENTE – parte 2

Tornar permanente essa condição de estar na Luz foi o passo seguinte do trabalho de Deus para conosco, o qual culminou com o nascimento de Cristo que, como presença física do Pai, trouxe em Si mesmo aquela Luz, pois a Luz veio ao mundo para que todos que acreditassem em Cristo não percessem, mas tivessem vida eterna. Ele disse: “*Eu sou a Luz do Mundo*”¹. O Altar dos Sacrifícios no Tabernáculo no Deserto ilustrou o princípio do sacrifício como o meio de regeneração, por isso, Cristo disse a Seus discípulos: “*Nenhum ser humano tem maior amor que este, o que dá sua vida por seus amigos. Vós sois meus amigos*”². E, imediatamente, Ele começou um sacrifício que, contrário à opinião ortodoxa vigente, não foi consumado em umas poucas horas de sofrimento físico numa cruz material, mas é tão perpétuo quanto eram os sacrifícios feitos no Altar dos Sacrifícios do Tabernáculo no Deserto, pois impõe uma descida anual para dentro da Terra. Calculemos o enorme sofrimento que tão grande espírito deve suportar mediante o enfrentamento com as condições cristalizadoras e limitadoras daqui, como um aprisionamento na Terra que para Ele deve significar.

Isso deve continuar até que um número suficiente de pessoas tenha evoluído a ponto de suportar a carga dessa densa massa de *escuridão* que nós chamamos de Terra, e que pende como uma pedra de moinho sobre o pescoço da humanidade³ impedindo seu futuro crescimento espiritual. Até que aprendamos a seguir “Seus passos”, não nos elevaremos em direção à Luz.

¹ N.T.: Jo 8:12

² N.T.: Jo 15:13-15

³ N.T.: O enforcamento literal de uma pedra de moinho (ou mó) no pescoço é mencionado como uma punição no Novo Testamento, fazendo com que o malfeitor fosse afogado. Eis a passagem bíblica: “*E aquele que receber uma criança como esta por causa do meu nome, recebe a mim. Caso alguém escandalize um destes pequeninos que creem em mim, melhor será que lhe pendurem ao pescoço uma pesada mó e seja precipitado nas profundezas do mar.*” (Mt 18:5-6)

Conta-se que quando Leonardo da Vinci completou sua famosa obra “A Última Ceia”, pediu a um amigo para observá-la e dizer-lhe o que pensava a respeito.

O amigo olhou-a criticamente por alguns minutos e depois disse:

“Acho que você cometeu um erro ao pintar os cálices dos apóstolos tão ornamentados e parecendo ser de ouro. Pessoas na posição deles não iriam beber em recipientes tão caros”.

Da Vinci, então, passou o pincel sobre os cálices que tinham sido alvo das críticas de seu amigo, mas ficou profundamente desgostoso, pois havia pintado aquele quadro com toda a sua alma, mais do que com suas mãos, na intenção de que ele pudesse transmitir uma mensagem para o mundo. Havia colocado toda a grandeza de sua arte e a mais sincera devoção de sua alma no esforço de pintar um Cristo que, através de Sua palavra, levasse os seres humanos a seguir Seus passos.

Podemos vê-Lo como sentado naquela mesa na significativa reunião, a INCORPORAÇÃO DA LUZ, e proferindo aquelas maravilhosas palavras místicas: “*Esse é meu corpo, (...) esse é meu sangue, dados a vós.*”⁴ – um sacrifício vivente.

No período anterior do nosso caminho espiritual, estávamos procurando uma Luz *exterior* a nós mesmos, porém, agora, chegamos ao ponto em que devemos procurar a luz de Cristo dentro de nós e tentar imitá-Lo, tornando-nos “sacrifícios viventes”, como Ele está fazendo. Vamos nos lembrar que, quando o sacrifício que está à nossa porta parece agradável e ao nosso gosto, quando nos sentimos capazes de escolher nosso trabalho “na vinha do Senhor” e fazer o que nos agrada, não estamos fazendo um verdadeiro sacrifício como

⁴ N.T.: Lc 22:19-20

Ele o fez, e nem quando somos vistos pelos outros a nossa volta e aplaudidos por nossa benevolência. Porém, quando estamos prontos para segui-Lo, desde aquela reunião significativa, em que Ele era o mais honrado entre os amigos, até o jardim de Getsemani *onde Ele ficou sozinho* e envolvido, como se estivesse em uma luta violenta e determinada, com o grande problema diante d'Ele enquanto Seus amigos dormiam, então, aí sim, estamos fazendo um sacrifício vivente.

Quando nos sentirmos satisfeitos em seguir “Seus passos” a ponto do autossacrifício, em que nós pudermos dizer do fundo do coração “*Tua vontade e não a minha*”⁵, então, certamente teremos *a luz interior* e, desde esse momento, nunca mais existirá em nós o que entendíamos ser a escuridão. *Andaremos na luz*⁶.

Esse é nosso glorioso privilégio, e a meditação sobre as palavras do apóstolo: “*Deus é Luz*”⁷ nos ajudará a perceber esse ideal, desde que acrescentemos *obras* à nossa fé e digamos, pelos nossos atos, o mesmo que disse o Cristo: “*Esse é o meu corpo e esse é o meu sangue*”, um sacrifício vivente sobre o altar da humanidade.

⁵ N.T.: Lc 22:42

⁶ N.T.: IJo 1:7

⁷ N.T.: IJo 1:5